

RESISTÊNCIA E SUBMISSÃO DA ROSA: UMA ANÁLISE DO ENVELHECIMENTO FEMININO NAS *HORAS NUAS*

Luciane Beserra¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a postura de resistência e submissão da personagem Rosa Ambrósio do romance *As Horas Nuas* de Lygia Fagundes Telles. Para análise utilizaremos os conceitos de Alfredo Bosi sobre resistência, além de teóricas da crítica feminista como Elaine Showalter e Simone de Beauvoir. Nossa análise se concentra na postura da personagem em negar a passagem do tempo, através dessa tentaremos demonstrar que esta atitude nada mais é do que uma constante no comportamento feminino e que tal conduta representa um duplo discurso que só pertence à mulher.

Palavras-chave: resistência, submissão, envelhecer, mulher.

Resistência e submissão

Conceito originalmente ético e não estético; resistência segundo Bosi (2002), é ir contra, opor-se a algo ou alguém. “O seu sentido mais profundo apela para a força de vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia (p. 118). Para o crítico literário, não se deveria misturar arte e ética, tendo em vista que a primeira está ligada a momentos cognitivos e a outra a momentos práticos, uma age pela intuição outra pela vontade. Quando acontece essa conexão entre intuição e vontade, temos as expressões *poesia de resistência e narrativa de resistência*.

A ideia de resistência dentro de um texto literário pode vir por meio de dois procedimentos, ou ela está presente no tema do texto, ou imanente à escrita. A resistência como tema se dá quando o tema central da obra nega os valores sociais, políticos e éticos vigentes na época. Quando imanente na escrita temos um conflito interno na obra entre o eu e o mundo que independe do contexto histórico da época. Nos dois casos de escrita de resistência temos uma tensão crítica que tende a mostrar aos leitores que a vida é uma monotonia alienante. *A escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa*

¹ Aluna do Programa de Mestrado em Estudos Literários da UFMT – Campus de Cuiabá. E-mail: luciane.beserra@terra.com.br

“*vida como ela é*” é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente da vida plena e digna de ser vivida (BOSI, 2002, p. 130).

Para Bosi (2002) esse tipo de literatura *transcende a vida real* (p. 13), e a literatura de resistência foge do ficcional e da fantasia, apresentando ao leitor problemas que são reais e estão presentes no cotidiano do ser humano.

É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente (BOSI, 2002, p. 135).

Nesse sentido de conflito entre o eu e o mundo e de mostrar uma verdade exigente, é que iremos utilizar o termo resistência no presente trabalho. No romance *As Horas Nuas* de Lygia Fagundes Telles, temos uma manifestação de resistência imanente na escrita. A personagem central do romance, Rosa Ambrósio, se apresenta resistente a diversos aspectos de sua realidade. Tal resistência nos é revelado através de delírios e confissões da personagem que serão analisados no decorrer do artigo.

Submissão é exatamente o oposto de resistência, submeter-se significa sujeitar-se, ser obediente, tornar-se objeto de algo ou alguém. O conceito do termo submissão, por assim dizer, é bem conhecido pelas mulheres em geral, afinal sempre fomos vistas pela sociedade como um objeto, como o outro submisso a outrem. Resistência e submissão, palavras antagônicas que inseridas no mundo feminino, não podem ser descartadas, pois, para entender a postura das mulheres em muitos momentos é preciso vincular esses dois termos, tendo em vista que no mundo feminino eles não se antagonizam, mas complementam-se.

Há muito as mulheres são submissas e resistentes ao patriarcado ao mesmo tempo, porém, desde as revoluções feministas que começaram no século XIX na Europa, é que nós decidimos escutar a nossa própria voz sufocada e emudecida pelo patriarcado. A mulher sempre foi silenciada, a ela o direito à fala não pertencia, era preciso nos calar para que a disciplina do mundo continuasse nas mãos do homem. Michelle Perrot (2005), diz: *No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição secundária e subordinada* (p. 9). Depois de muito tempo sem poder exercer o poder da fala, quando a mulher o conquista produz uma voz na maioria das vezes ambígua, segundo Elaine Showalter

(1994) uma voz dupla que fala pelo dominante e dominado, uma voz que conhece as dores, os medos e a história do dominador e do dominado.

O conceito do texto da mulher na zona selvagem é um jogo de abstração: na realidade à qual devemos nos dirigir como críticos, a escrita das mulheres é um “discurso de duas vozes” que personifica sempre as heranças social, literária e cultural tanto do silenciado quanto do dominante (SHOWALTER in HOLANDA, 1994, p. 50).

Tendo em vista os conceitos de Showalter e Bosi, iremos analisar a personagem Rosa Ambrósio do romance *As Horas Nuas*, e verificar em que medida e porque ocorre esse duplo discurso de resistência e submissão.

A mulher e a passagem do tempo

Envelhecer é algo que sempre assusta o ser humano de maneira geral. Ter a consciência de que a vida é efêmera, faz com que de todas as maneiras os homens e as mulheres sempre busquem a poção mágica da vida eterna. Porém, a ambrosia só pertence aos deuses, então como deter o tempo? Pacto com o diabo? Um retrato onde se é jovem eternamente? Muitas são as soluções da literatura, mas para tudo há um preço, na maioria das vezes nada agradável.

O tema da passagem do tempo foi e ainda é muito explorado por muitos escritores e escritoras, afinal é um assunto instigante e intrigante para ambos os sexos. Porém, o envelhecimento é encarado de maneira diferente por homens e mulheres, segundo Simone de Beauvoir (1980), o processo de envelhecimento acontece de maneira muito mais devastadora nas mulheres. Envelhecer para as mulheres significa perder a capacidade de reprodução, de sedução, o frescor da mocidade lhe oferece a proteção dos homens, o medo de perder essa proteção deixa a mulher perdida, numa sociedade onde é apenas vista com a sua mera função de fêmea.

A história da mulher – pelo fato de se encontrar ainda encerrada em suas funções de fêmea – depende muito mais que a do homem de seu destino fisiológico. Todo período da vida feminina é calmo e monótono: mas as passagens de um estágio para outro são de uma perigosa brutalidade; evidenciam-se através de crises muito mais decisivas do que no homem: puberdade, iniciação sexual e menopausa. Enquanto ele envelhece de maneira contínua, a mulher é

bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade, de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca da metade de sua vida adulta (BEAUVOIR, 1980, p. 343).

Cecília Meireles em seu poema *Retrato* nos revela a surpresa da mulher que se olha ao espelho e se depara com alguém que envelheceu e não percebeu a passagem do tempo.

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida minha face?
(MEIRELES, 2008, p. 29-30).

As mãos frias, sem força, o coração que não se mostra, os olhos vazios, o lábio amargo, a tristeza estampada no rosto da mulher nos revela a inconformidade diante da própria imagem envelhecida. O eu lírico não percebeu o envelhecimento, como podemos confirmar com o primeiro verso da última estrofe: *Eu não dei por esta mudança*. Não se deu conta, não porque era algo inesperado, mas porque estava sempre ocupada com sua função de mulher, a casa, os filhos, o marido e, quando se depara com seu reflexo, quando tem um tempo para si, a juventude foi embora, o frescor não mais a acompanha.

Se por um lado temos essa ideia de que envelhecer é perder a capacidade de sedução e a proteção dos homens, não podemos esquecer que esses conceitos foram formulados ao longo dos tempos pelo patriarcado, quem julga que a mulher perde suas capacidades quando envelhece é o homem; e inserida desde sempre nesse discurso a mulher irá adotá-lo com grande facilidade. Porém, ela também percebe que a perda da proteção dos homens proporciona a ela a possibilidade de comandar a sua própria existência.

A mulher terá que aceitar que o tempo passou. Segundo Beauvoir (1980), depois que a mulher decide aceitar a passagem do tempo, ela precisará lutar pelo seu lugar na terra, afinal, quando a mulher envelhece quando ela descobre sua liberdade, esta não tem mais importância para a sociedade, ninguém mais precisa dela. Ela precisará encontrar em qual espelho sua face ficou perdida, encontrar sua identidade, descobrir-se, desnudar-se.

A Rosa desflorada

O romance *As Horas Nuas*, de Lygia Fagundes Telles, narra a história de Rosa Ambrósio, uma atriz decadente que está na casa de seus sessenta anos e se depara o mesmo problema que o eu lírico do poema de Cecília Meireles, o envelhecer repentino. O desfloramento de Rosa não é a perda de sua virgindade, mas sim o desaparecimento de sua beleza e juventude; acontece com seu corpo e espírito, a atriz encontra-se vencida e violentada pelo tempo. Inserida e formada socialmente numa sociedade extremamente patriarcal, com uma profissão que preza por mulheres estereotipadas, Rosa faz de tudo para vencer as barreiras do tempo. Desde sessões cômicas e desesperadas de beleza, onde ela tingem os pelos pubianos, passa creme no rosto entre outros, até mergulhos nostálgicos e embriagados nas lembranças do passado. Tudo para recuperar a juventude perdida. A inconformidade com a passagem do tempo irá nortear toda a narrativa de Rosa Ambrósio, e representa a sua resistência e submissão.

No início da narrativa nos deparamos com uma mulher abatida, melancólica e alcoólatra: *Entro no quarto escuro, não acendo a luz, quero o escuro* (TELLES, 1989, p. 9); essa é a primeira fala de Rosa, onde podemos observar o estado da personagem, alguém que quer a escuridão onde não é possível enxergar os outros e a si. Rosa só aceitará olhar-se em suas lembranças onde ela estará sempre jovem e bela; “posso começar assim as minhas memórias: *Quando nos olhávamos eu via minha beleza refletida nos seus olhos.* (TELLES, 1989, p. 10). A entrega ao álcool e uma das primeiras formas de submissão que encontramos na atriz, em toda narrativa Rosa só consegue dialogar consigo quando embriagada.

A fraqueza de Rosa em aceitar sua atual condição é desesperadora. Em sua luta diária para esconder às marcas da passagem do tempo a atriz tingiu os pelos pubianos, tendo como testemunha o gato Rahul; a cena é descrita com uma sensualidade cômica e

grotesca que desperta no leitor e no gato certo incômodo e piedade dessa Rosa desflorada que tenta ao todo custo refazer-se em lindas e frescas pétalas.

Está me namorando, Rahul? Não posso, querida, você mandou me castrar, respondi.

Descansei o focinho no banco acetinado, ela poderia me poupar. Mas quem não poupa nem a si mesma não iria agora poupar um gato. Não sei por que esses bandidos tinham que nascer brancos, resmungou ela. Já estava de luvas quando mergulhou mais uma vez a escova na tinta do copo. Inclinou-se para a frente. Abriu as pernas e bem devagar foi passando a tinta nos pêlos do púbis. Com a mão livre, abriu a caixa rosada no tampo de mármore e dela tirou um lenço de papel para limpar o fio de tinta negra que lhe escorria pela coxa, Ô! meu Pai! ... (TELLES, 1989, p. 30-31).

A resistência a passagem do tempo em Rosa Ambrósio se revela já no seu nome. Ambrosio sobrenome da atriz é uma das derivações de ambrosia, que segundo Chevalier “alimento de imortalidade, a ambrosia é, assim como o néctar, um privilégio do Olimpo. Deuses, deusas e heróis dela se nutrem, chegando até mesmo ao ponto de oferecê-la a seus cavalos” (2007, p. 43).

Narcisista, essa seria a adjetivação que poderíamos dar para Rosa Ambrósio, uma mulher narcisista, tal como narciso que se encantou de si. Rosa deseja e venera a própria imagem, porém, a imagem que ela ambiciona é seu reflexo do passado, que vive apenas em sua memória, pois sua imagem real refletida no espelho é de uma atriz decadente.

Rosa Ambrósio tem muitos projetos em mente, entre eles escrever um livro de memórias cujo título será *As Horas Nuas*, onde ela pretende resgatar seus tempos de beleza, seus amores, suas dores, traumas e principalmente sua própria identidade. E nas lembranças do passado que Rosa pretende resgatar sua face perdida. A atriz planeja também sua volta triunfal aos teatros, para seu mundo de glória e fama.

Vou trabalhar, o palco, adoro o palco com os invejosos mordendo o rabo feito escorpião, bem feito! Escrevo essa bosta de livro, memórias deslumbrantes, não o avesso mas só o direito das coisas, uma winner! (TELLES, 1989, p. 41).

O fato de Rosa Ambrósio estar disposta a escrever suas memórias revela sua inconformidade em aceitar o envelhecimento, afinal em suas lembranças ela pode eternizar-se jovem, pois, escolherá apenas os momentos que convém a sua vaidade

feminina revelar. Porém, nem sempre serão os bons momentos revelados; a embriaguez de Rosa traz à tona seus traumas, mentiras e medos. Um dos segredos lembrados é o fato de Rosa ter dormido com o diretor de sua primeira peça teatral para conseguir o papel.

O sininho, blim-blim-blim! foi parar no lixo na mesma noite em que você foi parar na cama daquele diretor de barbicha, não era o Veronesi? Veronesi, querida Rosinha. Prometeu e lhe deu o primeiro papel importante da sua bela carreira. Você detesta datas mas vou avivar sua memória, isso foi um mês depois do famoso jantar, menina esperta. (...)Quis apenas colaborar, Rosa Ambrósio, ajudá-la a se conhecer, não sou juiz mas testemunha, você é quem vai dar o parecer sobre si mesma e ainda assim, não será um parecer definitivo. Salvo Melhor Juízo, eu escrevia no final dos pareceres que estudava, S.M.J. Salvo Melhor Juízo (TELLES, 1989, p. 158).

Nas horas nuas de Rosa ela revela-se em frente ao espelho da memória, que guarda todos seus segredos. “Tantos espelhos. Mas só agora me vejo, uma frágil mulher cheia de carências a aparências (...) (TELLES, 1989, p. 11). Os espelhos ao qual Rosa se refere são os outros, afinal a atriz se via refletida através do olhar de outrem. Chega o momento de mostrar-se a si, de assumir as culpas, a meias verdades a condição de burguesa alienada, seu seja, é a hora do balanço da vida que poderia ter sido e que foi.

Um dia eu fico na praia. Mas fui verdadeira. Assumi minhas curtas verdades, assumi as mentiras compridíssimas, assumi fantasias, sonhos – como sonhei e como sonho ainda! Principalmente assumi meu medo. Tudo somado, um longo plano de evasão fragmentado em fugas miúdas. Diária (TELLES, 1989, p. 10).

Bebo sem vontade, por que estou assim amarga? Vai ver, é inveja, estou ficando velha e me ralho de inveja dos jovens que vêm cobrindo tudo feito um caudal espumante, o ralador da inveja rala mais fundo do que o ralador de queijo (TELLES, 1989, p. 20).

A mulher quando envelhece sabe que deixa de ser objeto erótico, não apenas porque suas carnes não são mais frescas, mas sim porque está maturidade que concede o direito de ser dona de seus próprios desejos, *sua experiência fazem dela, queria ou não, uma pessoa* (BEAUVOIR, 1980, p. 345). Rosa Ambrósio renega esse direito de ser dona dos próprios desejos, percebemos isso pelo fato da atriz precisar permanentemente de outrem para lhe conduzir.

Mesmo quando me chamava de velha me fazia sentir jovem outra vez, não é uma loucura? Isso tudo, a contradição, até nas agressões agente se entendia, éramos parecidos. Mas se você me ordenasse, Rosa, recomeça! Por caminhos secretos que só os mortos conhecem você me induziria, essa a palavra, me induziria (TELLES, 1989, p. 38).

No trecho acima de Rosa Ambrósio percebemos a renúncia em assumir seus desejos e sua entrega total a outrem. Ela fala ao mesmo tempo de Diogo, que se sentia jovem com ele, ou seja, a presença do outro a faz jovem e no mesmo discurso-delírio (Rosa está embriagada nesse trecho) temos a atriz pedindo por Gregório, seu falecido marido, para que ordenasse que ela voltasse a encenar. Em outros momentos Rosa se mostra inteiramente submissa, principalmente ao amante Diogo fazendo tudo o que ele lhe sugere.

A submissão de Rosa Ambrósio ao amante nos é revelado, não pela atriz, mas sim por Rahul, gato de estimação da atriz. O gato desempenha um papel muito importante no enredo, fazendo julgamentos sobre os atos de Rosa Ambrósio, se mostrando muitas vezes piedoso com a atriz, um gato com sentimentos e pensamentos humanos. Em uma das observações de Rahul, podemos perceber o comportamento submisso de Rosa frente ao amante Diogo: *Com seu método de ação direta e rápida, só Diogo conseguia neutralizar essa má consciência. E mesmo se rebelando e resistindo ela acabava por obedecer feito uma menininha. (...) (p. 116).* Para o gato Rosa era sempre obediente ao amante como uma menina, submissa a ele. Rosa em contrapartida dizia que o amante lhe fazia sentir-se jovem, ele era seu espelho onde ela sempre se via bela, sempre a amparando nas horas de total desespero.

Se eu caía ele me levantava mas com humor. O humor, Rosona, não perder o humor! Disse ainda, Preciso de você para me ver melhor nas minhas fraquezas. Aceitei ser seu espelho deformante mas nele me via perfeita. Embora me agredisse às vezes, era esse espelho que alimentava a minha fé (TELLES, 1989, p. 96).

A atitude de Rosa Ambrósio em arrumar um amante mais jovem e entregar-se a ele a tal ponto de ver-se refletida no outro, segundo Beauvoir (1980), é comum acontecer com as mulheres mais velhas. Para a teórica, a mulher mais velha busca o prazer com homens mais jovens, pois, *é deles somente que pode esperar essa ternura*

desinteressada que o adolescente experimenta por uma amante maternal. (BEAUVOIR, 1980, p. 350). Rosa encontra o prazer perdido no jovem Diogo, seu ex-secretário-amante, porém, percebemos que o amor de Diogo não é nada desinteressado, e a atriz tem total consciência desse amor motivado por interesses.

Resistiu o quanto pôde, Sou um tipo esquisito, Rosona, iria me sentir menos livre e fico alucinado quando perco a liberdade. Cedeu quando lhe dei o Porsche. Você está me comprando, disse e fez a mudança. Veio com sua beleza, as músicas (TELLES, 1989, p. 140).

Quando Rosa se depara sozinha, sem o marido e o amante, tenta fugir dessa situação pelo caminho do álcool, mas, nem mesmo a embriaguês é capaz de libertar a bela atriz envelhecida de sua atual condição. Sem amante, viúva, sem a filha e principalmente sem os aplausos do público a única solução será escrever suas memórias e tentar preservar seu passado de glória, amor e beleza. *Quando Gregório foi embora, quando ele acabou indo também fiquei me vendo em estilhaços. Caos! eu grito e ninguém me responde, perdi todos, minha filha. Meu público* (TELLES, 1989, p. 96).

Olhar-se no espelho para a mulher, muito mais do que ver-se a si num simples reflexo, é descobri-se um ser singular, dotadas de características singulares, traços únicos, graciosos e picantes, nas palavras de Beauvoir (1980), é acreditar ser bela pelo simples fato de se sentir mulher. Para Rosa Ambrósio o espelho não apresenta mais tais traços, olhar-se no espelho é sair do mundo do delírio e mergulhar na realidade fria e enrugada. *Olho para o espelho que me olha geladamente, me julgando. Uma diva no divã* (TELLES, 1989, p. 145). Porém, a atriz não perde jamais a vaidade nesse encarar gelado com o espelho, ela continua sendo uma diva.

(...) – Longe de mim, digo e me desvio da minha imagem refletida na porta espelhada. Perco o equilíbrio e me apoio no braço de Dionísia, não sei por que o esqueleto da atriz é pior do que os outros, terrível, terrível com seu chapelão com plumas, o pescoço – pescoço? – com fios e fios de pérolas, entrando rindo na festa, onde vi isso? (TELLES, 1989, p. 103).

Uma diva, além de uma narcisista que precisa sempre de um público para as suas encenações diárias, Rosa é uma diva. Mesmo desflorada continua sendo sensual e

fascinante para os olhos masculinos de Renato Medrado: *Mulher fascinante essa Rosa Ambrósio. Qual será e sua idade?* (TELLES, 1989, p. 220) e para o olhar felino de Rahul:

Rompeu-se a outra alça da camisola a apareceu o bico rosado de seu seio. A pele tenra não escureceu, não enrijeceu mas continua uma pétala intacta. Os homens – quantos? – já se fartaram nela. E aí está como o seio nascente de uma menina. Procura agora me afastar com um gesto desorientado mas mal-humorado, É você, amor? Enfim, eu queria... (TELLES, 1989, p. 84).

A diva no divã encontra-se em cacos. O vício pelo álcool nos revela mais uma de suas fraquezas, *Ah! que lúcida que fico quando bebo* (TELLES, 1989, p. 13); é só através da bebida que Rosa consegue enxergar-se, desnudar-se, encontrar sua verdadeira identidade. Resistência à realidade e submissão ao vício que consola e destrói.

Toda a batalha de Rosa Ambrósio para desacelerar a passagem do tempo, nos revela o duplo discurso do feminino. A atriz fala pelo dominante, na condição de dominada, pois, foi formada pelo discurso patriarcal. Rosa teme perder a admiração e proteção do sexo oposto, mas, mais do que isso a atriz teme desaparecer da memória dos outros, teme ser apenas mais uma mulher envelhecida e sem importância para a sociedade. O desespero da atriz também nos remete a uma crítica a ideia que a sociedade patriarcal impõe para as mulheres, de que quando envelhecem perdem o valor social.

Rosa procura a imagem que ficou perdida no retrato de sua juventude. Assim como o eu lírico do poema *Retrato* de Cecília Meirelles a atriz não se deu conta da mudança tão repentina e procura a todo custo sua face perdida; os *olhos vazios, o lábio amargo, as mãos frias e sem força* surpreendem Rosa Ambrósio, que carrega no nome o néctar da imortalidade. A única saída para a Rosa Desflorada, ou seja, sem as belas e frescas pétalas da juventude, é agarrar-se as lembranças de seu passado, um lugar onde ela era jovem, bela e admirada por todos ao seu redor.

Considerações finais

No romance, Lygia Fagundes Telles nos presenteia com uma personagem que mesmo defendendo valores do patriarcado, os nega com a mesma intensidade. O

discurso da atriz assume a condição de duplo, pois, temos uma mulher defendendo valores sociais que a excluem do sistema, através dessa defesa o discurso se transfigura em crítica ao patriarcado, crítica essa que fica a critério do leitor acatar ou não. O duelo diário de Rosa Ambrósio para combater a passagem do tempo, nos revela seu duplo discurso feminino, o do dominante e dominado, do qual Showalter nos fala. Rosa Ambrósio resiste a passagem do tempo em suas tentativas de não envelhecer através de seu resgate nos estilhaços da memória de sua imagem bela e juvenil e até mesmo de procedimentos desesperados de beleza.

Podemos dizer que esse discurso também defende um discurso do patriarcado, afinal quem julga que a mulher perde sua capacidade de encantamentos na idade madura é a sociedade patriarcal, que só atribui valor a mulher enquanto suas funções de reprodução estão ativas. A implacável busca pela beleza, não é para que Rosa se sinta melhor ou satisfeita consigo, mas sim, para atender as exigências da sociedade. A submissão de Rosa se revela tanto na sua entrega ao modelo de mulher que a sociedade exige, quanto na sua total sujeição a Diogo, atendendo a todos os pedidos do amante, na dependência do álcool e de outrem. Os outros para Rosa são os espelhos que a atriz sempre precisou para que sua imagem seja sempre refletida, e para que ela se sinta uma Rosa fresca e florada.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo. A Experiência Vivida*. V. 2, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras 2002.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 21ª ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2007.

MEIRELES, Cecília. *Uma antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TELLES, Lygia Fagundes. *As Horas Nuas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

RESISTANCE AND SUBMISSION OF THE ROSE: AN ANALYSIS OF THE AGING FEMALE NAS *HORAS NUAS*

ABSTRACT

This article aims to analyze the posture of resistance and submission of the character Rosa Ambrósio novel *As Horas Nuas* by Lygia Fagundes Telles. For analysis we use the concepts of Alfredo Bosi on resistance, and theoretical criticism as Elaine Showalter and feminist Simone de Beauvoir. Our analysis focuses on the character's stance on denying the passage of time, through this attempt to demonstrate that this attitude is nothing more than a constant in female behavior and that such conduct is a double discourse that belongs only to women.

Keywords: resistance, submission, aging, women.